



TENSÃO NA ÁSIA

Mísseis sobre Taiwan

China inicia testes militares sem precedentes e dispara projéteis que sobrevoam a ilha capitalista, atingindo águas territoriais japonesas. Tóquio exige fim de manobras. EUA acusa Xi Jinping de "reação exagerada" à visita de Nancy Pelosi

» RODRIGO CRAVEIRO

Fotos: Hector Retamal/AFP



Turistas chineses observam rastros de fumaça após lançamento de mísseis a partir da província de Fujian, o ponto mais próximo de Taiwan

As tensões entre China e Estados Unidos, no dia seguinte à visita da congressista norte-americana Nancy Pelosi a Taipei, também envolveram o Japão e atingiram uma escalada sem precedentes. Pelo menos quatro dos 16 mísseis chineses disparados, ontem, sobrevoaram a principal ilha de Taiwan e cinco caíram em águas territoriais japonesas. As manobras bélicas lançadas por Pequim, transmitidas ao vivo pela televisão, compreendem caças J-20, bombardeiros H-6K, aviões de combate J-11, destróieres, corvetas, o míssil hipersônico DF-17 e mísseis balísticos de curto alcance DF-11. Tóquio pediu o "fim imediato" dos exercícios militares, enquanto Washington denunciou uma "reação exagerada" por parte de Pequim.

Ao mesmo tempo, as autoridades norte-americanas anunciaram que o porta-aviões USS Reagan continuará a "monitorar" os arredores de Taiwan. Para evitar uma maior escalada das tensões, o Pentágono adiou um teste de mísseis intercontinentais. Na noite de ontem, a presidente Tsai Ing-wen gravou um pronunciamento aos 23,5 milhões de taiwaneses. "Hoje, a China iniciou uma série de exercícios militares com disparos reais ao redor de Taiwan. Esse tipo de ameaça militar contínua e deliberada, especialmente o perigoso lançamento de mísseis em um dos mais movimentados corredores de transporte marítimo do mundo, é irresponsável. Isso não apenas mina o status quo no Estreito de Taiwan, mas também cria uma tensão elevada na região do Indo-Pacífico", declarou.

Tsai apelou "solenemente" à China para agir "com razão e moderação". "Quero enfatizar que não escaldaremos o conflito, nem instigaremos disputas, mas defendemos, de forma resoluta, a soberania e a segurança, como baluartes de nossa democracia", disse. Segundo a presidente, as forças de Taiwan intensificaram a postura de prontidão e acompanham, em tempo real, os desdobramentos no entorno da ilha. "Trabalharemos para

manter o status quo pacífico e estável no Estreito de Taiwan. Nós somos calmos e não agiremos com pressa. Somos racionais e não atuaremos para provocar. Mas, absolutamente, não recuaremos."

Por meio de um comunicado, o Comando do Teatro Oriental do Exército Chinês informou que "os exercícios se concentram em sessões de treinamento importantes, incluindo bloqueio conjunto, ataque a alvos marítimos e terrestres, e operação de controle do espaço aéreo". A agência de notícias estatal chinesa Xinhua informou que os testes bélicos começaram por volta das 13h de ontem (1h em Brasília), com o disparo de "novos modelos de mísseis", que atingiram "com precisão" a parte leste do Estreito de Taiwan. A China utilizou mais de 100 aviões de guerra e dez destróieres e fragatas. O ministro da Defesa do Japão, Nobuo Kishi, repudiou as simulações bélicas chinesas. "Nós condenamos fortemente o ato, pois trata-se de uma questão grave relacionada à segurança e à ameaça para o povo japonês."



Helicópteros militares de Pequim patrulham o Estreito de Taiwan

Preocupação

Diretora do Programa Ásia do think tank German Marshall Fund of the United States (sediado em Washington), Bonnie Glaser explicou ao **Correio** que o governo de Xi Jinping demonstra muita preocupação com o forte apoio do Japão a Taiwan. "Acho que os chineses estão enviando, de forma deliberada, mensagens para o Japão de que Tóquio não deveria interferir

no Estreito de Taiwan. Caso contrário, corre o risco de ser atacado em uma escalada da crise ou mesmo em uma guerra", comentou. "Neste momento, a China também emite sinais de determinação para defender a própria soberania e a integridade territorial. Pequim não tomou a decisão de utilizar a força ou de invadir Taiwan."

Para a húngara Zsuzsa Anna Ferenczy — professora da Universidade Nacional Dong Hwa, em

Hualien (Taiwan) —, os países da região, e especialmente o Japão, têm se mostrado alarmados por uma "China hostil". "Xi pretende exibir força e determinação a Taipei, a Washington e a outros aliados democráticos no campo da segurança, incluindo Tóquio. É um aviso de que ele não ficará sentado e assistirá ao que considera serem linhas vermelhas sendo atravessadas", disse ao **Correio**. Ela lembra que, em ligações telefônicas, Xi alertou o presidente norte-americano, Joe Biden, a não brincar com fogo. Por isso, entende que o forte componente militar na resposta à visita de Pelosi está alinhado à retórica bélica. "Xi crê que uma ação e uma retórica fortes, no contexto doméstico, são cruciais para a proteção de sua legitimidade."

Ainda segundo Ferenczy, com o alto nível de incerteza no Estreito de Taiwan, existe o risco de escalada. "Mas eu não acho que Xi gostaria de provocar uma situação capaz de minar sua credibilidade internamente, em uma região que ele deseja controlar, não perder. Ao

Depoimento

Wuer Kaixi/Facebook



"Dispostos a morrer pela liberdade"

Wuer Kaixi

"Eu me encontrei com a senhora Nancy Pelosi na última quarta-feira. Foi uma reunião maravilhosa. Eu dei as boas-vindas a ela e apresentei-lhe a Taiwan que acredito que os Estados Unidos deveriam conhecer. Um povo corajoso e disposto a morrer para defender a própria liberdade. Em relação aos exercícios militares chineses, o governo de Xi Jinping pretendia que fossem sem precedentes. Mas a China lançou mísseis durante testes bélicos previamente anunciados. Os projéteis caíram na água. Não houve nenhuma reação por parte da população taiwanesa a esses testes militares."

Dissidente chinês, um dos principais líderes dos protestos estudantis e sobrevivente do massacre da Praça da Paz Celestial, em 4 de junho de 1989

intensificar a intimidação e a pressão sobre Taiwan nos campos militar, econômico e político, e ao evitar um confronto cinético, Pequim pretende ganhar capital político em casa e na região, além de desencorajar outras nações a se engajarem com Taiwan."

O jornalista William Yang, presidente do Clube de Correspondentes Estrangeiros em Taiwan, disse à reportagem não acreditar que os chineses estejam se preparando para uma invasão, ao contrário da avaliação de especialistas. "Pequim envia um sinal para Taiwan de que é capaz de coibir a ilha de buscar interações com o Ocidente."

VATICANO

Papa Francisco reforma o Opus Dei

Começou a vigorar ontem o Motu Proprio *Ad charisma tuendum* ("Para tutelar o carisma"), documento expedido pelo papa Francisco para reformar o Opus Dei, uma das organizações conservadoras mais influentes da Igreja Católica. O texto determina a transferência de competências do Opus Dei — a prelazia passa a "depende do Dicastério (ou ministério) do Clero". Todos os anos, e não mais quinzenalmente, a prelazia terá a obrigação de apresentar a esse órgão um relatório sobre a situação interna e o desenvolvimento do seu trabalho apostólico. Os prelados (autoridades eclesiais) do Opus Dei deixarão de receber a ordem episcopal.

Na teoria, Francisco reduz o poder a independência de uma organização vista por críticos e por ex-integrantes como seita secreta. Presente em mais de 60 países, o Opus Dei é formado por 90 mil membros, incluindo políticos e empresários, e mais de 2 mil sacerdotes, especialmente na Europa e na América Latina. A organização foi fundada em 1928 pelo padre espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer, falecido em

Roma, em 1975, aos 73 anos. Em 2002, Balaguer foi canonizado pelo papa João Paulo II. Duas décadas antes, Karol Wojtyła tinha elevado o Opus Dei ao status de "prelazia pessoal".

Manuel Sánchez, um dos assessores de imprensa do Opus Dei, tratou de minimizar o impacto do documento papal. "Alguns interpretaram as disposições da Santa Sé em termos de 'rebaixamento' ou 'perda de poder'. Não nos interessa esse tipo de dialética, pois para um católico não faz sentido o uso de categorias de poder mundanas", disse à agência France-Presse. "Acolhemos o que vem do Santo Padre, com o desejo de aprofundar o que é essencial", acrescentou.

"Controle permanente"

Dos 15 anos aos 33, a espanhola Carmen Charo Pérez, hoje com 65, fez parte do Opus Dei. Decidiu abandonar a organização católica depois de uma profunda depressão, em 1991. "Tive uma crise de vida e 'esquizofrenia'. O que eu vivia e pensava não coincidia em nada. O Opus Dei costuma buscar pessoas muito

Alberto Pizzoli/AFP



Francisco remodela uma organização presente em 60 países, composta de 2 mil sacerdotes e 90 mil leigos

jovens e com conflitos familiares. Uma vez dentro, eles o anulam completamente. Não existe liberdade em nenhum nível", desabafou ao **Correio**, por telefone. Ontem, ela recebeu com alívio a notícia de que Francisco decidiu reformar o Opus Dei. "O pontífice resolveu colocar o Opus Dei onde sempre deveria estar. O Opus Dei queria controlar a Igreja. Seus membros creem ser a própria voz de Deus. O papa sempre deixou claro que os únicos representantes da prelatura

são os sacerdotes, e que os fiéis devem atuar como colaboradores, sem nenhum compromisso."

Carmen acusou o Opus Dei de impor o medo aos seguidores. "É controle mental e permanente. Em jovens, isso é muito perigoso", contou. Ela lembra que 42 mulheres paraguaias e argentinas, procedentes de famílias carentes, entraram na Justiça contra o Vaticano. "O Opus Dei buscou essas mulheres e lhes prometeu formação e progresso profissional. O que receberam foi um

tratamento de escravidão. Eram obrigadas a trabalhar de graça por horas, sem direito a vida social e a qualquer tipo de previdência. O mesmo ocorreu comigo. Por uma década, trabalhei para o Opus Dei sem contrato. Saí de mãos vazias e sem ajuda."

O **Correio** falou com o advogado das 42 mulheres sul-americanas citadas por Carmen. Também ex-integrante do Opus Dei, o argentino Sebastian Sal, 56, disse que a reforma da organização era necessária. "Francisco põe limites no Opus Dei, em parte por causa da denúncia apresentada por nós, em setembro de 2021. Está claro que o Opus Dei pretendia ser uma Igreja paralela. Com sua decisão, o papa afirma que o Opus Dei tem que respeitar as normas da Igreja e prestar contas aos bispos locais", disse o morador de Buenos Aires, por telefone. "Parece-me que o Opus Dei se afastou de sua 'mãe', e a Igreja coloca limites necessários. O que falta é um real pedido de perdão pelos abusos que cometeram e uma intenção real de reparar aquelas pessoas que deixaram suas vidas lá dentro e saíram sem nada, sem dinheiro e sem estudo." (RC)

Eu estive lá...

Arquivo pessoal



"O Opus Dei obrigou-me a viver uma espécie de vocação, o celibato e o abandono da família. Essas coisas são abusos jamais aprovados pelo Vaticano para os leigos. O Opus Dei controla as consciências e obriga todos os integrantes a cumprir missões espirituais semanais. Isso é algo que o papa quer cortar. Se o papa Francisco conseguir que o Opus Dei lhe obedeça, creio que colocará fim ao controle dos leigos. Por sua vez, o Opus Dei terá que assumir que cada pessoa viverá como quiser, sem prestar contas de sua vida íntima, de suas amizades, de seu dinheiro e de seu tempo."

Carmen Charo Pérez, 65 anos, ex-membro do Opus Dei, moradora de Tarragona (Espanha)